

Boas tardes!

É com grande satisfação que me encontro nesta sessão comemorativa dos 50 anos da Revolução do 25 Abril.

Saúdo os presentes.

Saúdo a Associação Nacional de Centros de Cultura e Desporto da Segurança Social e felicito-a pela realização desta iniciativa.

Comemorar os 50 anos da Revolução dos Cravos é motivo, só por si, de grande orgulho.

Decorreu já meio século e continuamos a viver num regime democrático.

Nunca o nosso País viveu tanto tempo em democracia.

Relembrar essa data histórica é a afirmação de que os ideais de Abril estão vivos na nossa consciência colectiva.

A ORIGEM DO MFA

O dia 25 de Abril de 1974 teria sido apenas mais um dia do calendário se não fosse marcado por um vitorioso levantamento de militares, comandado na sua grande maioria por jovens capitães.

A esse levantamento juntou-se um grande levantamento popular que apoiava a atitude dos militares e que evitou que as tropas fiéis ao regime atuassem.

Foi um dia dos mais luminosos da nossa história recente.

Mas para que esse dia eclodisse houve muita luta por parte de muitos cidadãos que fazendo face ao regime anterior denunciaram a forma como o povo era explorado, sacrificaram o seu bem estar, foram perseguidos, presos, torturados e assassinados.

No que respeita aos militares

Pela legislação vigente foram obrigados a sustentar, durante 13 longos anos, uma guerra sem fim à vista que mobilizou cerca de um milhão e quinhentos mil homens, causou cerca de oito mil e quinhentos mortos e cerca de quinze mil feridos, não incluindo os milhares que ainda hoje sofrem de stress de guerra.

Começaram a tomar consciência que o fim da guerra tinha de ser político e não militar. Esta tomada de consciência foi acelerada com legislação então produzida pelo governo de Marcelo Caetano que descaradamente desqualificava aqueles que sacrificavam as suas vidas nas diversas frentes da guerra (Guiné, Angola e Moçambique).

Aos poucos os militares foram-se juntando, ganhando mais consciência e pensando na melhor forma de derrubar o regime.

Entre as várias alternativas que se punham, tudo foi discutido e mereceu uma cuidada preparação, desde a forma militar da tomada do poder até ao programa que se queria apresentar e distribuir à população.

O dia chegou; e, como anteriormente referi, aos militares revoltosos juntou-se o povo anónimo.

Distribuiu-se cravos pelas espingardas. Militares e civis abraçavam-se numa alegria difícil de descrever.

Foi o início de uma revolução libertadora, que ficou conhecida pela Revolução dos Cravos e que pôs fim ao regime fascista português, que já durava há quarenta e oito anos.

25 DE ABRIL E O PROGRAMA DO MFA

Há 50 anos, os militares do MFA apresentaram ao país um programa que ficou conhecido como “Programa do MFA”.

Nesse programa foram apresentadas ao nosso Povo um conjunto de propostas, das quais, se me permitem, irei ressaltar as seguintes:

- Lançamento de uma política ultramarina que conduzisse à paz;
- Defesa dos interesses das classes exploradas contra as classes exploradoras, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicaria uma estratégia antimonopolista;
- Liberdade de reunião, liberdade de expressão;
- Direito à greve;
- Dignificação do poder judicial, extinção da PIDE/DGS e dos tribunais especiais;
- Mobilização de esforços para a erradicação do analfabetismo e promoção da cultura, nomeadamente nos meios rurais.

Com a Revolução de Abril

- A Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola tornaram-se independentes;
- O salário mínimo nacional foi implementado pela primeira vez no nosso país com o valor de 3000\$00 mensais e ao fim de um ano sofreu uma actualização de 10%;
- Foram congelados salários a partir de certo montante;
- Aumentos do abono de família e seu alargamento a mais de meio milhão de crianças;
- Mesmo no desemprego passaram a ficar assegurados os benefícios da Previdência (hoje Segurança Social);
- Duplicação das pensões sociais para inválidos (hoje pessoas com deficiência) e aos maiores de 65 anos;
- Saúde para todos, com a criação do Serviço Médico à Periferia, embrião do Serviço Nacional de Saúde.

A Constituição da República Portuguesa, aprovada em 1976 pela maioria dos deputados eleitos em 1975, nas eleições mais participadas do Portugal democrático, consagrou inquestionáveis avanços civilizacionais, reflexo das profundas transformações operadas na sociedade portuguesa na multitude das suas dimensões: direitos e deveres fundamentais, organização económica e organização do poder político.

A Constituição consagrou o Poder Local Democrático e o Regime Político-Administrativo das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira

Aproveito para referir a conclusão do relatório elaborado pela missão da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) que se deslocou a Portugal, entre 15 e 20 de Dezembro de 1975, para analisar a situação económica e financeira.

Nessa conclusão é referido que, apesar de em Portugal o período de 1974-75 ter sido caracterizado por grandes convulsões sociais, a saúde económica do nosso país era bastante invejável.

OS DIAS DE HOJE

A dinâmica alcançada pela Revolução dos Cravos em cerca de 570 dias (período que mediou entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975), criou muitas expectativas, que foram ensombradas, seja pela contrarrevolução que ganhou raízes ao longo destes anos, seja pelas práticas neoliberais no plano económico, dominantes nas instituições europeias e adotadas pela maioria dos governos do país, que têm vindo sucessivamente a dar profundos golpes nas conquistas alcançadas.

A sensação de inquietação, devida à instabilidade do emprego, à desregulamentação do trabalho, às fraquezas institucionais do sistema de segurança, bem como à consciência de serem escassas as condições de defesa perante o arbítrio dos poderosos e a impunidade de que eles parecem usufruir, tudo isto tem produzido um clima favorável ao surgimento de algumas forças antissociais, prontas a semear reacções xenófobas e intolerantes explorando as velhas nostalgias da lei e da ordem.

Mas será que a Democracia se dará por vencida? Que o 25 de Abril foi apenas um sonho de impossível realização, como nos querem fazer crer os detractores da história que hoje pululam como seres omniscientes?

Acho que não.

Acredito que em algum tempo as sementes de Abril, que continuam na terra bem vivas, voltarão a germinar.

Acredito que em Portugal, tal como também em outras partes do mundo, se irão operar mudanças e alterações profundas nas comunidades, em que o domínio do económico deixará de existir a favor de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igualitária.

Sei que o caminho vai ser longo e difícil, tortuoso por vezes, mas a vontade colectiva do nosso povo vai saber contornar esses obstáculos e saberá estabelecer uma rota a seguir com vista ao alcance da sociedade que os ideais de Abril defendem e contemplam.

As imensas iniciativas e manifestações populares, em torno das comemorações dos 50 anos da revolução, que por todo o nosso país se têm vindo a realizar, com destaque especial para a manifestação do próprio dia 25 de Abril, mostram que o 25 de Abril está bem vivo no nosso povo e provam que as mulheres e homens de hoje, os jovens de hoje e de amanhã não permitirão que as ideias neoliberais, por vezes até fascizantes, lhes cortem a liberdade de pensar e de agir.

Que viva Abril, sempre!!!!!!